



Promover uma gestão cinegética compatível com a proteção das aves estepárias

Abetarda beneficia do trabalho efetuado por zonas de caça

Planícies do Baixo Alentejo são o “porto de abrigo” e o porta-estandarte da conservação



Liga para a proteção da natureza

Rita Alcazar e Hugo Lousa, LPN

As planícies cerealíferas do Baixo Alentejo, nos campos de Ourique até Mértola, permanecem como o porta-estandarte da conservação das aves estepárias em Portugal. Espécies como a abetarda, o sisão, o tartaranhão-caçador, o cortiçol-de-barriga-negra, o peneireiro-das-torres ou o rolieiro, têm aqui o seu principal “porto de abrigo”. Estas planícies são também um habitat privilegiado para diversas espécies de caça menor, como perdiz-vermelha, o coelho-bravo, a lebre, a rola-brava ou o pombo-torcaz.

As exigências ecológicas destas espécies cinegéticas são muito semelhantes às aves estepárias, dependendo da manutenção de uma agricultura extensiva de sequeiro, com o cultivo de cereais e a existência de pousios (pastagens). Nestes habitats podem ter abrigo para os seus ninhos e abundância de alimento: plantas e sementes, mas também insetos, que são especialmente importantes para o crescimento das crias. E o verão, quente e seco, representa um período crítico à sua sobrevivência, pela escassez de água e alimento.

Esta situação de escassez é tanto mais premente quanto mais vulneráveis estamos às alterações climáticas e os fenómenos de seca ou as vagas de calor se tornam cada vez mais frequentes. E quando estes fenómenos se verificam e acentuam, afetam todas as

espécies.

A gestão cinegética e as aves estepárias

Todos os anos as Zonas de Caça fazem um esforço de gestão para fomentar as espécies cinegéticas. Este é um trabalho exigente, que requer uma presença regular no terreno e um investimento de recursos significativo por parte das Zonas de Caça. Esta regularidade e constância da gestão cinegética no terreno representam uma mais-valia preciosa, que pode ser uma ferramenta de gestão essencial em anos de seca.

O Projeto LIFE Estepárias,



A sinalização das vedações aumenta a visibilidade destas estruturas.



A existência de passagens nas vedações minimiza o efeito barreira que estas estruturas causam.



A colisão com o arame farpado tem consequências fatais para as aves.

coordenado pela LPN - Liga para a Proteção da Natureza, tem como principal objetivo promover a conservação a longo prazo de aves estepárias como a abetarda, o sisão e o peneireiro-das-torres, que funcionam como espécies “bandeira” para a proteção das planícies cerealíferas (ver edição nº 20 e 30 da Turcaça).

Ao longo dos quatro anos deste projeto procurou-se encontrar formas de maximizar a gestão cinegética, para que esta possa ser benéfica para outras espécies, nomeadamente a abetarda. Tal como as perdizes, as abetardas acompanham a progenitora desde que nascem, embora ainda não estejam aptas a voar por algum tempo. Com a mobilidade relativamente limitada, o acesso a recursos alimentares e a água é um

fator crítico para a sobrevivência destes juvenis.

Desde 2011, que a LPN iniciou parcerias com 11 Zonas de Caça, cujos territórios são importantes durante o período pós-reprodutor da abetarda. Com o envolvimento destes caçadores foi possível a implementação de medidas de gestão que compatibilizam a gestão cinegética com a proteção de aves estepárias, abrangendo uma área que ultrapassou os 17 mil hectares na Zona de Proteção Especial de Castro Verde e do Vale do Guadiana.

As boas práticas estudadas focaram a problemática das vedações, bebedouros, pontos de alimentação e áreas de refúgio.

Vedações: uma armadilha fatal Com o abandono dos campos verificou-se uma proliferação desmesurada de vedações para delimitação de propriedades e para facilitar o manejo do gado. Assim, as planícies alentejanas são hoje atravessadas por milhares de quilómetros de vedações. Estas estruturas formam barreiras para aves como a abetarda, que preferem caminhar pelo solo a sobrevoar os obstáculos, tendo repercussões graves na sua

conservação por dois motivos: A colisão, com as fiadas de arame farpado e que afeta pelo menos 16 espécies de aves, entre as quais a abetarda, o sisão, a perdiz, a tarambola e a codorniz. Para minimizar esta ameaça, criaram-se sinalizadores que permitem melhorar a visibilidade destas estruturas.

O efeito barreira, causado sobretudo pelas vedações de rede ovelheira, pode representar um obstáculo intransponível para uma jovem ave que ainda não consegue voar e cujo tamanho não lhe permita passar na malha da vedação, como acontece aos juvenis de abetarda. Esta situação pode limitar o acesso aos locais de alimentação ou de abeberamento, ou impossibilitar a fuga de um predador. A colocação de passagens para a fauna ao longo das vedações (em cada 100 a 150 metros) reduz estas ameaças e facilita também a passagem de pessoas (e no caso de caçadores, também dos seus cães).

Pontos de abeberamento

Espécies como a abetarda são particularmente sensíveis à perturbação, pelo que estão sempre vigilantes e procuram locais de abeberamento que lhes



Tal como a Perdiz, a Abetarda também necessita de pontos para abeberamento durante o verão.



Enquadramento com marouço de pedras como proteção anti-gado.

providenciarem segurança. Assim, estão habituadas a beber em pegos de ribeiras, charcas ou pequenas barragens, que sejam resguardados, disponham de alguma vegetação para abrigo e onde possam aceder caminhando. Como optam por não voar até estes locais, é importante que não existam vedações, com as quais possam colidir ou ficar encurraladas. Caso existam vedações é muito importante que disponham de passagens para a fauna.

Os pontos de abeberamento que são geralmente disponibilizados pelas Zonas de Caça poderão também ser utilizados pela abetarda. Contudo, na maior parte das situações, para evitar o acesso do gado, estes bebedouros são vedados com rede de arame, ficando inacessíveis para a abetarda.

Utilizando bebedouros com um reservatório de manilha de betão, que seja enquadrado com marouços de pedras, consegue-se evitar o uso de vedação para proteger do gado e assegurar a utilização dos



Sisão



CONSERVAÇÃO DA NATUREZA



Os cortes de feno podem ter um impacto significativo nos ninhos destas aves que nidificam no solo.

bebedouros pela abetarda e restante fauna silvestre, não sendo necessários muitos reabastecimentos.

Estes pontos de abeberamento revelaram ter uma importância crucial para a fauna silvestre. A monitorização efetuada permitiu confirmar que pelo menos 21 espécies utilizaram estes locais de abeberamento, entre as quais o coelho-bravo, a lebre, a perdiz-vermelha, o javali, o leirão, o ouriço-cacheiro, o mocho-galego, o rolieiro ou o texugo.

Pontos de alimentação

Outro aspeto importante que pode contribuir para melhorar a sobrevivência das aves no período de verão é a disponibilização de alimento suplementar. As abetardas alimentam-se maioritariamente de plantas verdes (sobretudo dos rebentos), sementes e alguns insetos e invertebrados do solo. Assim, se for disponibilizada uma mistura de sementes que inclua cereais (como o trigo, aveia e milho) mas também leguminosas (ervilha e ervilhaca) e proteaginosas (grão-de-bico), semelhante ao que é efetuado para perdizes, rolas e pombos, estará a favorecer-se também a abetarda.

A forma como se disponibiliza o alimento é que poderá fazer a diferença, dado que a abetarda prefere situações mais naturais e utiliza locais em que o alimento tenha sido espalhado no solo, como nos cevadouros ou rodados, em detrimento de comedouros (como



As planícies cerealíferas diminuíram significativamente nos últimos anos.

os tubos ou alimentadores sobrelevados), sobretudo se

juvenis. Estes resultados reforçaram a importância destas medidas para melhorar a sobrevivência destas aves ameaçadas. Além da abetarda, mais nove espécies utilizaram estes pontos de alimentação, entre as quais o coelho-bravo, a lebre e a rola-brava.

Sinergias para o futuro

Sendo Portugal um país vulnerável à desertificação, as alterações climáticas terão um impacto significativo na conservação das espécies silvestres. A gestão ativa

As fêmeas de Abetarda aproveitam o espalhamento de sementes para a alimentação dos seus juvenis.



estiverem rodeados por uma vedação que os torna inacessíveis a uma abetarda.



A Lebre foi uma das 21 espécies registadas a utilizar os bebedouros.

O espalhamento de sementes em cevadouros e em redor dos bebedouros foram monitorizados com recursos a câmaras fotográficas automáticas, durante o verão de 2012, tendo-se confirmado a utilização pelas abetardas, nomeadamente de fêmeas com

do território que é efetuada pelas Zonas de Caça, com uma intervenção constante ao longo do tempo, pode promover não só as espécies cinegéticas mas desempenhar também um papel fundamental na conservação a longo prazo de espécies ameaçadas, como a abetarda. O envolvimento dos caçadores é, portanto, uma peça fundamental para a conservação a longo prazo destas emblemáticas aves das nossas planícies.

Mais informações sobre o Projeto LIFE Estepárias em

Agradecimento: um agradecimento especial às Zonas de Caça que têm colaborado ativamente com a LPN neste projeto e em prol das aves estepárias. Bem hajam!

